

TRATADO DE AGRICULTURA

OPVS AGRICVLTVRAE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade
FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente
EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ÉTULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES
IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

RUTÍLIO TAURO EMILIANO PALÁDIO
RVTILIVS TAVRVS AEMILIANVS PALLADIVS

TRATADO DE AGRICULTURA

OPVS AGRICVLTVRAE

MATHEUS TREVIZAM

Tradução, introdução, notas e índice

Edição bilíngue

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Gardênia Garcia Benossi – CRB-8^a / 8644

P177t

Palladius, Rutilius Taurus Aemilianus.

Tratado de agricultura / Rutilio Tauro Emiliano Paládio ; tradutor Matheus Trevizam – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2025.

Tradução de: *Opus agriculturae*.

1. Literatura latina. 2. Literatura técnica. 3. Agricultura. 4. Tratados. I. Trevizam, Matheus, 1977-. II. Título.

CDD - 870
- 630

ISBN 978-85-268-1799-9

Copyright © by Matheus Trevizam
Copyright © 2025 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade do tradutor e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Editora associada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3^º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para o professor Paulo Sérgio de Vasconcellos
Para meus pais (*in memoriam*)
Para Raquel e Francesco

Não poderia deixar de agradecer com afeto a quem, de importantes maneiras, contribuiu fundamentalmente para a realização deste projeto: o professor Paulo Sérgio de Vasconcellos (IEL-Unicamp), exímio conhecedor da língua-literatura latina e amigo, que generosamente me incentivou e revisou com empenho esta tradução.

O fortunatos nimium, sua si bona norint, agricolas!

“Oh por demais afortunados agricultores, se seus bens conhecerem!”

Virgílio, *Geórgicas* II, 458-459

SUMÁRIO

Introdução ao <i>Tratado de agricultura</i> de Paládio	13
<i>Tratado de agricultura</i>	53
Livro I	55
Livro II	121
Livro III	149
Livro IV	211
Livro V	257
Livro VI	271
Livro VII	287
Livro VIII	303
Livro IX	313
Livro X	327
Livro XI	343
Livro XII	373
Livro XIII	405
Livro XIV	411
Livro XV	475
Índice geral ao <i>Tratado de agricultura</i>	489
Referências	507

INTRODUÇÃO AO *TRATADO* *DE AGRICULTURA DE PALÁDIO*

1) *Contextualização*

1a) Paládio e seu meio social

Aqui se apresenta em tradução, ao que tudo indica, inédita em língua portuguesa¹ a obra do agrônomo romano Rutílio Tauro Emiliano Paládio² (séculos IV-V d.C.). Assim como ocorre com várias outras

¹ O mesmo não se pode dizer do interesse por traduzir *Opus agriculturae* em outros idiomas modernos: assim, atesta-se uma tradução catalã já do século XIV, feita por Ferrer Saiol, protonotário da rainha Eleanor da Sicília; uma tradução para o inglês médio do século XV, feita por Thomas Norton, capelão de Humfrey, Duque de Gloucester (e, no começo do século XIX – 1807 –, T. Owen publicou em Londres 14 livros traduzidos dessa obra técnica); mais de uma tradução ao “italiano” (dialeto florentino em 1350; dialeto úmbrio em 1526); a primeira tradução francesa do século XIV, seguida pela do século XVI (e, no século XIX, o volume intitulado *Les agronomes latins* e coordenado por M. Nizard continha, entre outras obras, o *Tratado de agricultura* paladiano quase integralmente traduzido). Mais contemporaneamente, existe nova tradução francesa parcial, feita por Régis Martin (tomo I: livros I e II, 1976) e continuada por René Martin (tomo II: livros III e IV, 2010). Referimos, ainda, a tradução ao espanhol publicada em 1990 por Ana María Moure Casas (Madrid, Gredos), aquela em língua inglesa de 2013 (publicada por John G. Fitch através da Prospect Books) e uma alemã de 2016 (publicada por Kay Brodersen através da editora berlimense Walter De Gruyter). Em português dispomos, apesar do dito, de uma dissertação de mestrado defendida em 1997 na FFLCH/USP, cujo autor é Luís Augusto Schmidt Totti e tem o título *O Opus agriculturae de Paládio: Livro I*; além de introdução e análises temáticas do livro inicial da obra paladiana, este também foi traduzido em nosso idioma.

² Fitch, 2013, p. 11: The quadruple form indicates that he came from a family of high standing, and the names Palladius and Rutilius point to an origin in Gaul. – “A forma

personagens do Mundo Antigo – ambiente, não custa lembrar, recuado cronologicamente e culturalmente em relação a nossos dias –, muito pouco se sabe a respeito dele, exceto, talvez, pelas escassas informações depreendidas a partir de sua própria e única obra.

Lembra Fitch³ que os abundantes manuscritos do *Tratado de agricultura* (*Opus agriculturae*)⁴ chamam o autor de *uir inlustris*: ora, semelhante titulação teria começado a se aplicar àqueles postos nos altos escalões do senado romano apenas a partir da segunda metade do século IV d.C. A letra desse tratado também revela que o interesse de Paládio pela vida e as práticas do campo não se restringiu a algo indireto, ou apenas possibilitado por meio da consulta a fontes livrescas pregressas.

Ele teria, assim, sido dono de terras em diferentes lugares do Império romano,⁵ dedicando-se ao cultivo e a experiências produtivas com certas variedades de plantas:

A poda traz tanto proveito às árvores novas do pinheiro – *o que comprovei* – que o crescimento esperado se dê em dobro.⁶

As castanheiras são enxertadas, *como eu mesmo comprovei*, sob o córtex no mês de março ou em abril, mas respondem de um modo e outro.⁷

quádrupla indica que ele veio de uma família de alto nível, e os nomes Palladius e Rutilius apontam para uma origem na Gália” (todas as traduções são de nossa responsabilidade).

³ *Idem, ibidem.*

⁴ Casas, 1990, pp. 7-8: Estaba destinada de ser la obra de consulta medieval sobre temas de agronomía; y lo fue, hasta el punto de ser el único manual de agricultura al uso desde la temprana Edad Media [...], transmitido hasta hoy por más de un centenar de manuscritos, glosas, resúmenes y noticias de eruditos del Occidente europeo y de la cultura árabe. – “Estava destinada a ser a obra de referência medieval sobre agronomia; e foi, a ponto de constituir o único manual agrícola em uso desde o início da Idade Média [...], transmitido até hoje por mais de uma centena de manuscritos, glosas, resumos e notícias de estudiosos da Europa Ocidental e da cultura árabe”.

⁵ Trevizam, 2021, p. 155: Podemos dizer que Paládio relata, no *Tratado de agricultura*, ser dono de terras na Sardenha (IV, X, 16; XII, XV, 3), em algum ponto da Itália (IV, X, 24) e nas imediações da cidade de Roma (III, XXV, 1).

⁶ Paládio, *Tratado de agricultura* XII, VII, 12: *Putatio nouellas pini arbores tantum promouet, quod expertus sum, ut, quae speraueras incrementa, duplicantur* (grifo nosso).

⁷ Paládio, *Tratado de agricultura* XII, VII, 22: *Castanea inseritur, sicut probauit ipse, sub cortice mense martio uel aprilis, tamen genere utroque respondet* (grifo nosso).

Em pontos como esses do *Tratado de agricultura*, o agrônomo ainda se investe de autoridade, na medida em que explicita ter sido testemunha (ocular) das práticas que recomenda a outros, seus leitores interessados em dedicar-se com sucesso a plantio, enxerto arbóreo, trato de animais ou distintas tarefas do campo. Isso corresponde, por sinal, a uma postura de construção favorável do *éthos* do instrutor agrário que conta com precedentes na literatura latina, como nos permitem ver exemplos nos *Três livros das coisas do campo* (*Rerum rusticarum libri III*) de Marco Terêncio Varrão (século I a.C.),⁸ nas *Geórgicas* de Virgílio (século I a.C.)⁹ etc.

No tocante não ao próprio Paládio, mas ao *entourage* do autor, vemos que o livro XV do *Tratado de agricultura* – dito *Poema do enxerto* (*Carmen de insitione*) – se dedica a “Pasifilo”, sem maiores explicações. Como certo testemunho do historiador Amiano Marcelino (*Res Gestae* XXIX, I, 36) apresenta à maneira de um réu torturado certo filósofo de mesmo nome, por ter supostamente se envolvido em 317 d.C. numa conspiração contra o imperador Valente, esse frágil detalhe já deu ensejo para situar no século IV d.C. a datação do tratado de Paládio.¹⁰

⁸ Varrão, *Três livros das coisas do campo*, I, XV, 1: *Praeterea sine saeptis fines praedi satione arborum tutiores fiunt, ne familiae rixent[ur] cum uiciniis ac limites ex litibus iudicem quaerant. Serunt alii circum pinos, ut habet uxor in Sabinis, alii cupressos, ut ego babui in Vesuui, alii ulmos, ut multi habent in Crustumino [...]* – “Além disso, sem sebes o espaço da propriedade se torna mais seguro pelo plantio de árvores, para que os escravos não disputem com os vizinhos, nem os limites requeiram um juiz por causa das brigas. Alguns plantam pinheiros em roda, como os tem minha esposa no país Sabino; outros, ciprestes, como eu mesmo os tive no Vesúvio; outros, olmos, como muitos têm no território de Crustumério” (grifo nosso).

⁹ Virgílio, *Geórgicas* I, 193-199: *Semina uidi equidem multos medicare serentis/ et nitro prius et nigra perfundere amurca,/ grandior ut fetus siliquis fallacibus esset/ et quamuis igni exiguo properata maderent./ Vidi lecta diu et multo spectata labore/ degenerare tamen, ni uis humana quotannis/ maxima quaeque manu legeret [...].* – “Vi a sementes, decerto, muitos semeadores tratando,/ molhando antes com nitrato e negra *amurca*,/ para que fosse maior o fruto de espigas enganadoras,/ e mesmo em fogo baixo amolecessem apressadamente./ Vi entretanto as que se escolhera longamente e vigiaral com grande esforço piorar-se, se o vigor humano todo ano não escolhesse as maiores à mão” [...] (grifo nosso).

¹⁰ Meyer, 1855, p. 331.

De todo modo, o início efetivo de tal livro do *Tratado de agricultura* torna Pasífilo uma personagem da confiança do autor (v. 1-2), bem como um amigo (v. 8). Ademais, o tom da fala paladiana a Pasífilo no proêmio do livro XV – com menção à posse de escravos por ambos e manifestando a disponibilidade do autor em atender às expectativas desse amigo – faz entrever todo um espaço de harmoniosa convivência entre homens afinados material e intelectualmente, nos estratos superiores da sociedade da época.

1b) Antecedentes do *Tratado de agricultura*: principais escritos agronômicos em prosa de Roma Antiga; as *Geórgicas* de Virgílio

Não foi pequena a importância das obras a respeito da agricultura na literatura latina, tanto do ponto de vista quantitativo quanto daquele da qualidade e/ou do significado cultural dos principais textos a abordarem tal temática. Por semelhante motivo e porque o *Tratado de agricultura* de Paládio retoma e fecha longa tradição de escritos agronômicos em Roma, parece-nos essencial perpassar em grandes linhas os assuntos e as formas de composição associáveis aos principais antecedentes desse autor tardio.

Primeiramente, lembramos o pioneirismo de Catão, o Velho (séculos III-II a.C.), cuja poligrafia não deixou de atentar para a necessidade da escrita de uma obra capaz de atualizar as condições produtivas em Roma, no começo da segunda metade do século II a.C. Esse era um momento, esclarece a historiografia especializada, em que importantes mudanças socioeconômicas faziam sentir seus reflexos sobre a rotina dos trabalhos agrícolas, sobretudo devido ao incremento da mão de obra escrava disponível para as extensas lavouras, à especialização das culturas em grande parte da Itália e à destinação de produtos como vinho e azeite não ao consumo local, mas sim a serem exportados:

O ensinamento de Catão visa a fortalecer a nova realidade prática que se criou no mundo romano: a rápida eliminação da pequena propriedade com a consequente estruturação da grande, cujo trabalho é confiado a equipes de escravos bem organizadas. [...] Catão já reflete a nova distribuição agrícola, em grandes latifúndios, sem comentar: nem sequer menciona,

como fará a retórica posterior, os pequenos agricultores diretos do passado, Cincinato, Fabrício, Cúrio Dentato.¹¹

Do ponto de vista da estruturação da obra catoniana a que nos referimos, *Da agricultura* (*De agri cultura*) é algo muito simplificado e aproximável de um mero manual de fazendeiro. Então, após um proêmio no qual Catão tece elogios à atividade agrícola e ao agricultor – preferindo-os mesmo ao comerciante em larga escala –, iniciam-se os capítulos de 1 até 162, em cobertura a assuntos como o cultivo das oliveiras e aquele das vinhas; a fabricação do azeite e do vinho; as obrigações do *urylicus* (“capataz”) e de sua companheira, a *ulica*, no *fundus rusticus* (“propriedade rural”); o trato de diversos animais domésticos (ovinos, caprinos, bovinos, aves etc.); algumas receitas de itens alimentícios rústicos (pães, conservas, bebidas); contratos a regular as relações de trabalho com agentes sazonais nas terras (como os colhedores de azeitonas); súplicas e ritos aos deuses, com fins de obter fertilidade e proteção aos campos cultivados.

Em suma, apesar de aspectos denotadores da parca elaboração formal da obra – como a falta de um critério de todo coerente para a disposição dos assuntos ao longo do manual¹² ou mesmo internamente a cada capítulo, além do teor bastante arcaico e repetitivo da linguagem¹³ –, Catão oferece ao leitor um panorama vasto das tarefas e da cultura agrária latina em seu tempo. Também não podemos omitir que, do conjunto da vasta obra catoniana, apenas *Da agricultura* chegou de forma “integral” a nossa época (o que atesta o interesse dos copistas por transmiti-lo), sendo esse texto, inclusive, o mais longevo documento preservado de toda a prosa literária de Roma Antiga.

¹¹ Sirago, 1995, pp. 13-14: L'insegnamento di Catone mira a rafforzare la nuova realtà pratica venuta a crearsi nel mondo romano: la rapida eliminazione della piccola proprietà con la conseguente struttura della grande, il cui lavoro viene affidato a squadre schiavili bene organizzate. [...] Catone rispecchia già la nuova ripartizione agricola, a grandi tenute, senza commentare: non accenna nemmeno, come farà la retorica successiva, ai piccoli coltivatori diretti del passato, Cincinnato, Fabrizio, Curio Dentato.

¹² Goujard (1975, p. XXXIV) relata malogradas tentativas, no *Da agricultura* catoniano, de disposição das tarefas rústicas em sequência cronológica do capítulo 23 ao capítulo 53; essa obra, no entanto, ainda contém 109 capítulos até seu término.

¹³ Trevizam, 2014, pp. 26-27.

Na sequência cronológica, Marco Terêncio Varrão, tido como o maior erudito dos tempos de Júlio César,¹⁴ não desdenhou dedicar sua pena à elaboração de uma obra agronômica – diversamente daquela de Catão – bastante elaborada em sua forma, além de passível de leitura em camadas alegóricas.¹⁵ Dessa maneira, podemos inicialmente dizer que os *Três livros das coisas do campo* se enquadram na tipologia literária do diálogo, pois, em cada uma de suas subdivisões – livro I, dedicado à agricultura; livro II, dedicado à pecuária; livro III, dedicado à *uilitaca pastio*, ou criação de pequenos animais (aves, peixes, roedores) nos *fundus rustici* antigos –, sempre se introduzem personagens em conversas a respeito da lida camponesa.

Não falta, ainda, a adição de seu proêmio particular aos sucessivos livros da obra varroniana em pauta, algo, a saber, encontrável nos textos agrários latinos desde o *Da agricultura* de Catão e muitas vezes presente nos tratados do mundo greco-romano, de modo geral. Tal presença dos proêmios, acrescida do fato de as personagens varronianas “falarem” de forma extensa a cada vez de tomarem a palavra sobre assuntos técnicos – na verdade, até o esgotamento de algum subtópico que lhes tenha nominalmente cabido¹⁶ –, aproxima esses *Rerum rusticarum libri*

¹⁴ Traglia, 1974, p. 9: Marco Terenzio Varrone fu il più grande erudito del mondo romano e nello stesso tempo il più fecondo scrittore latino. Cicerone che gli fu amico, ammiratore e, in certo senso, rivale, in una lettera ad Attico (XIII, 18, 2) lo chiamò *polygraphótatos*, cioè, scrittore di vastissima produzione. – “Marco Terêncio Varrão foi o maior erudito do mundo romano e ao mesmo tempo o mais fecundo escritor latino. Círcero que era seu amigo, admirador e, em certo sentido, rival, numa carta a Ático (XIII, 18, 2) chamou-o de *polygraphótatos*, ou seja, um escritor de bem vasta produção”.

¹⁵ Kronenberg, 2009, pp. 120-121: If Varro's aviary is associated with the delight of the mind and the contemplative life, then I would suggest that Merula's profit-based aviary brings to mind the political life, which has thus far been symbolized in the *De Re Rustica* by the profit-making enterprises of agriculture and pastoralism. Merula begins the description of the aviary-for-profit by emphasizing its physical features, which immediately make it seem like a miniature *bird-res publica*. – “Se o aviário de Varrão está associado ao deleite da mente e da vida contemplativa, então eu sugeriria que o aviário de Mérula, baseado no lucro, traz à mente a vida política, que até agora foi simbolizada no *De Re Rustica* pelas empresas lucrativas da agricultura e da pastorícia. Mérula começa a descrição do aviário com fins lucrativos enfatizando suas características físicas, que imediatamente o fazem parecer uma *res publica* dos pássaros em miniatura”.

¹⁶ *Idem*, p. 114: An obvious one is through the punning association of the participants in the dialogue with the animals they discuss, and Varro notes that many Roman names are

da tipologia do “diálogo aristotélico”,¹⁷ não platônico, na medida em que, nos diálogos “socráticos”, conforme consagrados pela obra de Platão (século IV a.C.), a própria maiêutica favorecia a troca frequente de interlocutores, através de perguntas e respostas breves.

Apesar de sua estruturação mais bem-sucedida, do ponto de vista genérico, que aquela do *Da agricultura*, não se pode deixar de observar que a linguagem varroniana em *Três livros das coisas do campo* tem representado desafios ao entendimento dos eruditos, ora inclinados a ver nas liberdades do escritor a imitação da fala cotidiana (sendo seu texto construído sob a forma de diálogos, segundo vimos), ora uma consequência da maior “pobreza” e despojamento estilísticos de toda prosa técnica.¹⁸

Assim, podemos citar, entre os recursos linguísticos em uso frequente nos *Três livros das coisas do campo* e que se associaram à oralidade, as elipses de substantivos ou verbos;¹⁹ os pleonasmos;²⁰ as silepses

derived from herd animals (2.1.10). Assembled at Epirus are *Scrofa* (“sow”) and *Vaccius* (cf. *vacca*, “cow”), and, in the course of the book, a *Q. Modius Equiculus* (cf. *equus*, “horse”) and *Vitulus* (“calf”) are mentioned (in 2.7.1 and 2.11.12, respectively). – “Uma óbvia é através da associação por trocadilhos dos participantes no diálogo com os animais que eles discutem, e Varrão observa que muitos nomes romanos são derivados de animais de rebanho (2.1.10). Reunidos no Epiro estão *Scrofa* (‘porca’) e *Vaccius* (cf. *vacca*, ‘vaca’) e, no decorrer do livro, um *Q. Modius Equiculus* (cf. *equus*, ‘cavalo’) e *Vitulus* (‘bezerro’) são mencionados (em 2.7.1 e 2.11.12, respectivamente)”.

¹⁷ Ruch, 1958, pp. 40-42.

¹⁸ Martin, 1976, p. XXXIX.

¹⁹ Saint-Denis, 1947, pp. 144-145: 2, 11, 9 (*a quarta ad decimam, s.-e. horam*); 3, 17, 10 (*cum lata candidus noster, s.-e. purpura*); do verbe *dicere*: 1, 22, 6 (*hic haec*); 1, 23, 7 (*Cato non male*); 2, 5, 1 (*haec hic*); 2, 11, 12 (*illi hoc*); 3, 17, 10 (*nos haec*); do verbe *uenire*: 1, 2, 11 (*illi interea ad nos*); 3, 17, 10 (*candidatus noster... in uillam*); do verbe *facere-fieri*: 1, 2, 1 (*quid uos hic?*); 1, 34, 2 (*haec aliquot regionibus*). – “2, 11, 9 (*a quarta ad decimam, s.-e. horam*); 3, 17, 10 (*cum lata candidus noster, s.-e. purpura*); do verbo *dicere*: 1, 22, 6 (*hic haec*); 1, 23, 7 (*Cato non male*); 2, 5, 1 (*haec hic*); 2, 11, 12 (*illi hoc*); 3, 17, 10 (*nos haec*); do verbo *uenire*: 1, 2, 11 (*illi interea ad nos*); 3, 17, 10 (*candidatus noster... in uillam*); do verbo *facere-fieri*: 1, 2, 1 (*quid uos hic?*); 1, 34, 2 (*haec aliquot regionibus*)”.

²⁰ *Idem*, p. 145: *etiam quoque* (1, 1, 3; 1, 2, 14); *et etiam* (1, 17, 2; 1, 48, 1; 1, 59, 3 [...]); *quod enim* (1, 13, 4); *itaque ideo* (1, 8, 7; 1, 16, 5); *itaque ita* (1, 45, 3); *itaque propterea* (1, 2, 19).

de número;²¹ a parataxe;²² a conservação do gerúndio em vez do gerundivo:

A troca do gerúndio – quando este vem acompanhado de um complemento no acusativo – pelo adjetivo verbal em *-ndus* não era essencial na língua falada, como se depreende dos exemplos de Plauto, Lucrécio, de Afrânio; ver Lindsay, pp. 77-78; Juret, *op. cit.*, pp. 190-191. Varrão, em seus preceitos dos *R.R.*, usa frequentemente a construção *uidendum (est) haec*, em vez de *uidenda sunt haec*, 1, 6, 1; ver 1, 11, 2; 1, 20, 1; 1, 20, 2; 1, 20, 5 [...].²³

“Interrompendo” a série dos agrônomos prosísticos da literatura latina, Públia Virgílio Marão publicou, por volta de 29 a.C., os quatro livros das *Geórgicas*. O espaço de que dispomos, nesta breve introdução, evidentemente não comporta o oferecimento de muitos detalhes a respeito desse que é um dos mais sofisticados e complexos poemas da literatura de Roma Antiga. Limitamo-nos, porém, a comentar poucos aspectos de sua estrutura genérica, com fins, inclusive, de favorecer o posterior cotejo com o livro XV de *Tratado de agricultura* de Paládio.

É consenso da crítica que esse poema virgiliano, situado cronologicamente no “meio” da tríade constituída também das *juvenis Bucólicas* e da obra de maturidade que é a *Eneida*, enquadrar-se na tipologia da “poesia didática”. Independentemente de ser esse tipo de poesia entendido como um gênero à parte ou como mera espécie da

²¹ *Idem*, p. 147: Passage d'un singulier collectif à un pluriel: *familia... si fessi* (1, 13, 1); *herba... de his* (1, 49, 1); *capra... harum* (2, 3, 7); *utraque fenestra... factae... per eas* (3, 9, 6). – “Transição de um singular coletivo para um plural: *familia... si fessi* (1, 13, 1); *herba... de his* (1, 49, 1); *capra... harum* (2, 3, 7); *utraque fenestra... factae... per eas* (3, 9, 6)”.

²² *Idem*, p. 155: La préférence de la langue parlée pour les constructions paratactiques (cf. Lindsay, p. 66) apparaît dans *licet adicias* (1, 2, 16; cf. Plaute). – “A preferência da linguagem falada por construções paratáticas (cf. Lindsay, p. 66) aparece em *licet adicias* (1, 2, 16; cf. Plaute)”.

²³ *Idem*, p. 157: La substitution de l'adjectif verbal en *-ndus* au gréondif, lorsque celui-ci est accompagnée d'un complément à l'accusatif, ne s'imposait pas dans la langue parlée, comme il appert d'après les exemples de Plaute, de Lucrèce, d'Afranius; cf. Lindsay, pp. 77-78; Juret, *op. cit.*, pp. 190-191. Varron, dans ses préceptes des *R.R.*, use fréquemment du tour *uidendum (est) haec*, au lieu de *uidenda sunt haec*, 1, 6, 1; cf. 1, 11, 2; 1, 20, 1; 1, 20, 2; 1, 20, 5 [...].